

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GLOBALIZAÇÃO E ESTRUTURA TERRITORIAL

Jorge Luís Ramos Nunes, Renato da Luz Medeiros
Boletim Gaúcho de Geografia, 28, n.1: 111-126, jan., 2002.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39940/26266>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2002

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GLOBALIZAÇÃO E ESTRUTURA TERRITORIAL¹

Jorge Luís Ramos Nunes²

Renato da Luz Medeiros³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo trazer à tona uma reflexão a respeito da Globalização e a respectiva Estrutura Territorial engendrada nos moldes do capitalismo contemporâneo, bem como suas implicações políticas, econômicas e culturais no cenário mundial.

Ao mesmo tempo, visa suscitar o debate sobre a importância da análise das territorialidades e dos territórios construídos pela hegemonia capitalista excludente. Para tanto, faz-se necessário compreender os meios de controle espacial desenvolvidos pela Globalização, que mescla velhas e novas formas ditadas pelo Capital, fundindo-se em um Mosaico Espacial Neoliberal.

Palavras-chaves: Globalização, Territorialidades, Neoliberalismo, Capital Volátil, Geopolítica, Territórios.

Abstract

The present article intends to bring up reflection on globalization and its own territorial structure within a contemporaneous capitalism perspective as well as its political, economical and cultural implications worldwide.

At the same time it raises the debate on the importance of the analysis of territoriality and territory built by the capitalist hegemony which characteristic is to exclude. Therefore, it is necessary to understand the means of spatial control de-

¹ O presente artigo é o resultado das discussões e temáticas desenvolvidas na disciplina "Poder Político, Domínio e Gestão Territorial", ministrada pelo Professor Dr. Álvaro Luiz Heidrich no curso de Mestrado em Geografia da UFRGS.

² Graduado em Geografia e Ciências Sociais. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.

³ Graduado em Ciências Jurídicas. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.

veloped by globalization, which mixes old and new ways stated by the capital, merging into a Neo-liberal Spatial Mosaic.

Key-words: Globalization; Territoriality; Neo-liberalism; Volatile Capital; Geopolitics; Territories

Introdução

O processo de globalização é uma profunda reestruturação do sistema capitalista como um todo. Trataremos de elencar os principais elementos constitutivos deste processo e, por conseguinte, a estrutura territorial engendrada pela globalização. Portanto, trata-se *a priori* de uma reflexão no sentido de apreender os principais elementos formadores da globalização.

No plano econômico, temos três elementos fundamentais: a acumulação flexível, o surgimento do capital volátil e a terceira revolução industrial. A acumulação flexível é uma transformação geral nos processos produtivos que vem ocorrendo nos últimos 25 anos aproximadamente. O capital volátil caracteriza-se pela forma "fictícia" de capital, pois se trata de papéis acoplados a outros papéis, sem correspondência direta com a produção econômica real. Por sua vez, a terceira revolução industrial é um dos elementos dinamizadores da economia, desenvolvendo-se em áreas como a robótica, supercondutores, biotecnologia, comunicações, entre outras.

No plano político, temos a hegemonia da ideologia Neoliberal. Com a derrocada do Socialismo Real, a Esquerda entra em profunda crise ideológica, no sentido de construir propostas concretas e efetivas de superação do capitalismo. A Direita também evidencia um refluxo no plano das idéias, resgatando práticas extremamente conservadoras elaboradas pela pré-crise de 29, ditadas pelo conjunto de idéias neoliberais.

No plano cultural, temos a constituição de uma nova percepção do espaço-tempo suscitando, por conseguinte, a Pós-Modernidade. Estas novas percepções seriam a consequência de uma "compressão tempo-espaço", formando os elementos constitutivos da pós-modernidade.

Por fim, analisaremos a estrutura territorial que vem sendo desenvolvida pela globalização, dando sustentação espacial a esta reestruturação do sistema burguês, onde o espaço torna-se novamente um dos elementos dinâmicos da constituição do poder na sociedade.

A Globalização representa a mudança profunda pela qual está passando o Capitalismo nesta virada de século XX. Nosso objetivo com o presente trabalho, é refletir sobre tais transformações que estão atingindo o planeta como um todo, buscando melhor compreendê-las, apreendendo os principais elementos da globalização.

Globalização

A Globalização suscita alterações em escala planetária, dinamizando novas forças econômicas, e por conseguinte, reestruturações no plano político e diferentes concepções culturais e estruturas territoriais.

A seguir, vamos analisar as transformações ditadas pela Globalização e seus principais elementos nos respectivos campos: econômico, político e cultural. Posteriormente, analisaremos a estrutura territorial suscitada pela Globalização.

Globalização e economia

O modo de produção capitalista pós-30 apresenta uma constituição ímpar ditada principalmente pelo modelo fordista-keynesiano. Os métodos de produção tayloristas e fordistas estruturam-se no início do século XX, aprofundando a acumulação de capital. Mesmo assim, o sistema entra em uma brutal depressão econômica em 1929, devido, principalmente, à relativa “autonomia” do Mercado. A “solução” encontrada será a de uma consistente intervenção do Estado sobre o mercado, para regulá-lo e, conseqüentemente, mitigar as oscilações ditadas pela “liberdade” do mesmo. Dessa forma, as práticas keynesianas serão amalgamadas com o fordismo, tornando-se hegemônicas principalmente a partir do final da Segunda Guerra Mundial.

É justamente neste período (pós-45) que teremos uma das maiores expansões do capitalismo, ditado pelo modelo fordista-keynesiano. Expansão circunscrita dentro da lógica da Guerra Fria na disputa incondicional pelo controle geopolítico do maior número de áreas de influência tanto no campo capitalista como no socialista. Será somente a partir do início da década de 70 que tal modelo apresentará formas claras de esgotamento, condicionadas, principalmente, pelo Estado Norte-Americano. Isto se deve, basicamente, aos seguintes fatores:

1. concorrência na área econômica (inclusive de tecnologia de ponta) entre Alemanha e Japão;
2. alto custo das guerras periféricas sobre a economia Norte-americana;
3. rigidez produzida pela exigência político-ideológica de garantir pleno emprego e conceder aumentos salariais reais continuamente (principalmente nos países hegemônicos), ou seja, as exigências impostas pelo “Estado de bem-estar social”;
4. paridade do dólar em relação ao ouro, condição imposta pelo acordo de Bretton Woods.

"As origens do movimento histórico que abalou o sistema internacional estruturado ao final da Segunda Guerra Mundial e que atingiu seu clímax em 1989, remontam à década de 70. O comprometimento dos Estados Unidos como líder do mundo capitalista começou a afetar a capacidade econômica do país, em meio a um mundo que se tornava complexo e tendia à multipolaridade. Paralelamente à tentativa de retomada da supremacia norte-americana, a partir da articulação de uma nova geometria do poder mundial, os EUA lançam um movimento de reestruturação da economia global, tanto no plano geográfico como no produtivo e organizativo. O lançamento deste duplo movimento de reafirmação e inovação acabará afetando os fundamentos da ordem internacional, com desdobramentos imprevisíveis." (VIZENTINI, 1999, p.15)

O primeiro elemento da reação norte-americana será o fim da paridade do dólar em relação ao ouro, soterrando o modelo de Bretton Woods. Mas tal reestruturação que tomava corpo no capitalismo iria suscitar transformações extremamente profundas. Por conseguinte, é o próprio modelo fordista-keynesiano que entra em colapso.

Dessa forma, será a própria base produtiva do sistema que sofrerá profundas alterações. O modelo fordista aos poucos vai sendo substituído pela acumulação flexível. Tal tendência verifica-se a partir da década de 60, momento em que a produção fordista vinha tendo uma forte concorrência do toyotismo (ou ohnonismo). Esta, por sua vez, caracteriza-se:

- Produção enxuta – funções, equipamentos e pessoal estritamente necessários;
- "Círculos de qualidade" – aproveita o conhecimento e experiência dos trabalhadores;
- Polivalência e plurifuncionalidade dos trabalhadores;
- Produção de pequenas quantidades de muitos produtos;
- Produção apenas do necessário no momento certo,
- Não acumulação de matérias-primas e produtos acabados.

Os elementos fundamentais de superação do fordismo já se encontram em grande parte no toyotismo, sendo potencializados na década de 70 e condicionados pela economia americana.

"A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional". (HARVEY, 1996, p.140)

Outro elemento inovador neste processo será a constituição do chamado "capital volátil". A ruptura com o modelo de Bretton Woods, entre 1971 e 1973,

configura-se justamente no fato de a economia norte-americana não ter mais condições de controlar sozinha a política fiscal e monetária do mundo. Desta forma, alguns elementos econômicos serão modificados, tais como:

1. surgimento de papéis acoplados a outros papéis (capital volátil), ou papéis visando o mercado futuro (derivativos).
2. entrada de fundos de pensão no sistema financeiro.
3. retirada de mecanismos de controle sobre as bolsas de valores e ao próprio capital financeiro como um todo.
4. incremento do número de paraísos fiscais espalhados pelo mundo (em 1998 já eram mais de 100 praças).

Tal processo acelerou-se vertiginosamente, principalmente a partir de meados da década de 80, com o governo Reagan (EUA). A falta de controle, impulsionada por mecanismos de estímulo a este tipo de capital, tornou-se um dos elementos precípuos da globalização.

"Com base na liberdade mundial, o setor financeiro explodiu em apenas dez anos; desde 1985, os negócios com divisas e títulos mais que duplicaram. Atualmente, durante um dia normal, reservas monetárias da ordem de aproximadamente 1,5 trilhão de dólares mudam de mãos, conforme apurou o Banco de Compensações Internacionais. Essa soma equivale mais ou menos ao produto interno bruto da Alemanha, ou a quatro vezes a despesa mundial por ano com petróleo." (MARTIN e SHUMANN, 1999, p.72)

Por fim, teríamos a Terceira Revolução Industrial, que surge, principalmente, através dos setores de informática e comunicações, biotecnologia, robótica e supercondutores. No final do século XIX, alguns países passaram pela Segunda Revolução Industrial (eletrificação, petróleo, química etc). A partir de então, não tivemos um salto qualitativo substancial em termos tecnológicos, salvo exceções como a energia nuclear. Entretanto, a partir dos últimos 30 anos (do século XX), a matriz tecnológica capitalista deu um salto não só quantitativo, mas também qualitativo. Mais do que nunca conhecimento tornou-se poder e mercadoria, e todo este cabedal é reapropriado pelas forças produtivas dinamizando-as em um movimento ininterrupto.

Dessa forma, setores econômicos como: supercondutores, comunicações (satélites, computadores) e engenharia genética transformam-se nas áreas mais dinâmicas da economia. O conhecimento (pesquisa) tornou-se vital neste processo. Somente para exemplificar, na produção de um *chip*, 70% de seu custo é devido à pesquisa propriamente dita. Em tempos de globalização, mais do que nunca, o conhecimento tornou-se poder.

Globalização e política

No campo político, o Neoliberalismo tornou-se hegemônico nesta virada de século. O keynesianismo propunha um conjunto de práticas de controle do Estado sobre o mercado, estas resguardavam a tutela do político sobre o econômico, pelo menos nos pontos mais críticos. Aliás, esta relação no capitalismo entre o econômico e o político sempre foi muito tensa, mostrando a fragilidade do sistema em conseguir manter um equilíbrio mais consistente entre os dois campos. Com o esgotamento do modelo fordista-keynesiano as elites rearticulam-se buscando uma “nova” ideologia para dar sustentação às transformações pelas quais o sistema está passando.

Os neoliberais conviveram por muito tempo à margem do período em que o keynesianismo foi dominante. Friedrich V. Hayek (principal obra “O caminho da Servidão” - 1944) funda, em 1947, na Suíça, a “Sociedade de Mont Pelérin”, integrada por colaboradores neoliberais adversários do Welfare State e todos anti-comunistas ferrenhos. Participaram do encontro pensadores como: Milton Friedman, Ludwig von Mises, Jaques Rueff, entre outros. A partir de então, as bases do neoliberalismo são sistematizadas, enquanto Hayek estrutura a chamada Escola Austriaca, Friedman representará a Escola de Chicago.

Os pressupostos das duas escolas são basicamente os mesmos, ou seja, corte nos gastos públicos, a não-intervenção no mercado, desregulamentação nas relações de trabalho, liberalização financeira, entre outros. Serão justamente estes pressupostos que vão ser colocados em prática com a crise do keynesianismo, mas é bom lembrarmos que tais práticas serão parcialmente aplicadas, visando, na realidade, desestruturar as organizações dos trabalhadores. Portanto, teremos cortes no orçamento da área social, ataque aos sindicatos, desregulamentação do trabalho, entre outros. Poderíamos dizer que o neoliberalismo seria uma forma de conduzir a globalização, de cunho extremamente conservador, visando eminentemente os interesses do capital financeiro em detrimento do trabalho.

“Por outro lado, o neoliberalismo representa um fenômeno qualitativamente distinto, de regulação sócio-econômica da atual etapa de transformação do capitalismo mundial (ou seja, é uma das formas de conduzir a globalização), atuando há aproximadamente três décadas.” (VIZENTINI, 1998, p.34)

Outra distinção que devemos citar é que existem diferenças fundamentais nas práticas neoliberais (pensamento único) de nação para nação. Em outras palavras, as práticas neoliberais defendidas pelas instituições multilaterais (FMI, Banco Mundial, BID) são extremamente “duras”, ortodoxas para o Terceiro Mundo. Já para os países hegemônicos percebemos que as práticas neolibe-

rais visam a desarticulação da classe trabalhadora, enquanto vários setores da economia são extremamente protegidos tendo forte controle estatal.

Globalização e cultura

As percepções espaço-tempo estão sofrendo uma profunda transformação com a globalização, inaugurando desta forma a chamada "pós-modernidade". Estas novas percepções, que irão influenciar as relações sociais e a forma de relacionar-se com o mundo, serão uma "resposta" à nova forma de produção inaugurada pela acumulação flexível.

As percepções ditadas pela modernidade eram condicionadas, basicamente, pelo modelo fordista. A partir do início da década de 70, com a reestruturação das práticas produtivas, tais concepções começam a sofrer alterações, provocando uma nova "compressão tempo-espaço", ditando os contornos básicos da pós-modernidade.

"Como os usos e significados do espaço e do tempo mudaram com a transição do fordismo para a acumulação flexível? Desejo sugerir que temos vivido nas duas últimas décadas uma intensa fase de compressão do tempo-espaço que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural." (HARVEY, 1996, p.257)

Vejamos o quadro que apresenta um paralelo entre as respectivas formas de produção:

Modernidade Fordista	Pós-modernidade Flexível
Economia de escala	Economia de escopo
Intervencionismo estatal	<i>Laissez-faire</i>
Projeto	Indeterminação
Estado do bem-estar	Neoconservadorismo
Narrativa	Antinarrativa
Luta de classes	Sociedade do espetáculo
Industrialização	Desindustrialização
Totalização/síntese	Desconstrução/antítese
Território	Desterritorialização

Fonte: David HARVEY, A condição pós-moderna.

Grosso modo, poderíamos dizer que a pós-modernidade seria um conjunto de elementos constitutivos da cultura das respectivas sociedades pós-industriais. Sociedades que entraram numa nova fase de percepção do "espaço-tempo", impulsionadas pela produção flexível e pela terceira revolução industrial.

O problema

O espaço precede o território, uma vez que este existe somente a partir de uma determinada apropriação por parte de uma coletividade do seu respectivo espaço. Logo, o território é condicionado pelas relações de poder que perpassam a sociedade como um todo, relações assimétricas entre os homens e de apropriação da natureza.

"O território passará a existir tão somente quando se definirem: (1) uma relação de apropriação (mais que domínio) das condições naturais e físicas, por uma determinada coletividade e (2) uma organização das relações, de modo a particularizar a coletividade humana como uma comunidade, por isso mesmo, diferenciadas de outras e, pelo mesmo critério, a delimitação do acesso, do domínio e da posse ao interior da comunidade constituída." (HEIDRICH, 1998a, p.12)

Com o advento do capitalismo, o território toma nova dinâmica sendo percebido como um dos elementos estruturadores do poder na sociedade. Isso ocorre concomitante à formação do Estado-Nação que, por sua vez, torna-se o principal "gerenciador" das práticas territoriais.

Pela sua própria lógica (acumulação de capital e reinvestimento para acumular mais capital), o capitalismo surge para ser inexoravelmente planetário. Poderíamos distinguir três grandes fases do sistema burguês até o momento: a internacionalização, a transnacionalização e a globalização.

"A internacionalização corresponde à situação demarcada pelas relações entre nações, em que o Estado assume o papel primordial na estruturação das mesmas, seja através da diplomacia, do comércio externo ou, até mesmo da guerra. Tem sua fase inicial dada pela presença de uns poucos Estados organizados, dos quais parte expansão a territórios de povos ditos de "não-civilizados"(...). A transnacionalização, por sua vez, refere-se à transferência de investimentos de um Estado-nação a outro, por conta de empresas privadas, as quais possuem estabelecimentos em mais de uma nação. No caso, as transferências de uma a outra nação ocorrem por gestões privadas e com reduzida interferência por parte dos governos nacionais (...). A globalização é um fenômeno que tende à unificação do mercado mundial, sem barreiras alfandegárias.(...)." (HEIDRICH, 1998b, p.10-11)

Por seu turno, a territorialidade está condicionada, basicamente, à produção material da sociedade. Com a transformação da "primeira natureza" em "segunda natureza" através das relações de produção, de circulação da mercadoria e de própria estruturação do mercado, entre outros.

Dessa forma, o território seria a "espacialidade" do político, enquanto a territorialidade seria a do econômico, a relação entre estas formaria a estrutura territorial. Sendo assim, suscitamos a seguinte questão: qual seria a estrutura territorial desenvolvida pelo capitalismo globalizado?

É bom lembrar que os elementos que fazem parte da respectiva estrutura territorial aqui suscitados não são os únicos dados pela globalização, mas acreditamos que sejam os precípuos. Logo, a Globalização traz em seu bojo uma estrutura territorial específica, a qual vamos tratar a partir de agora.

Globalização e estrutura territorial

Vimos que a Globalização é uma reestruturação geral do sistema burguês na virada do século XX. A partir de agora, trataremos de elencar os elementos que compõem a estrutura territorial desse processo.

Entendemos que existem cinco formas territoriais principais desenvolvidas pela Globalização. Essas estão imbricadas ou sobrepostas tendo um comportamento de complementaridade e/ou de exclusão. Senão vejamos:

1. Nova Territorialidade Produtiva - acumulação flexível
2. Desterritorialidade - capital volátil
3. Territorialidade Excludente
4. Territorialidade dos Mercados Comuns
5. Territórios da Geopolítica

Nova territorialidade produtiva

A nova territorialidade produtiva é determinada pela nova divisão internacional da produção impulsionada, principalmente, pela Acumulação Flexível e a Terceira Revolução Industrial. A produção do território sofre uma mudança substancial principalmente a partir de meados da década de 70, quando o modelo fordista-keynesiano apresenta profundo esgotamento. Surge novo paradigma produtivo baseado na acumulação flexível (pós-fordista). Dessa forma, a produção do território passa a ser ditada, em grande parte, por essas novas forças produtivas através de uma tríade em escala planetária: Instituições Multilaterais (FMI, OMC, BIRD), as Transnacionais e pelo G7.

"O design por rede de vídeo e computador, através de todos os oceanos e fusos horários, é parte da reorganização mais radical até agora efetuada pelo grupo Ford. Desde princípios de 1995, as subsidiárias regionais deixaram de desenvolver seus próprios modelos. Nada de construir em um lugar, revisar em outro e ajustar em um terceiro. Em vez disso, o presidente da Ford, Alex Trotman, ordenou a fusão de todas as filiais em duas grandes unidades, que atenderão o mercado na Europa e nos EUA, bem como na Ásia e na América Latina. O que até a pouco parecia lerdo e complicado – a aplicação da mais moderna tecnologia informatizada – agora abre as portas à estrutura globalmente integrada das empresas." (MARTIN e SCHUMANN, 1999, p.138)

Essa nova territorialidade produtiva ocasiona um impacto sobre a natureza jamais observado. A dilapidação e controle sobre a natureza tomam um ritmo exponencial. O "pensamento único" traz em seu bojo a uniformização do consumo para todo o planeta, tendo como paradigma a economia norte-americana. As consequências são desastrosas: com a globalização, a sociedade de consumo-descartável (obsolescência planejada) prolifera praticamente por todo o planeta. Os valores da sociedade globalizada tomam todas as latitudes, tornando-se hegemônicos.

Outro fator importante se deve a determinadas práticas técnico-científicas (dinamizadas pela Terceira Revolução Industrial) de controle da natureza, realizado pelas grandes corporações transnacionais visando, prioritariamente, à acumulação de capital e aos seus interesses estratégico-econômicos de controle do mercado. O domínio de certas técnicas ligadas à engenharia genética, por exemplo, atingem a manipulação da própria estrutura da vida. A Monsanto, com suas respectivas pesquisas e produção de sementes transgênicas, é um exemplo emblemático desse processo.

Desterritorialidade

Há uma desterritorialidade do capital volátil, ou seja, o capitalismo chegou a um estágio em que grande parte do chamado capital está, na realidade, desacoplada da economia real propriamente dita. É evidente que esta desterritorialidade é relativa (por conseguinte não absoluta), pois este capital está condicionado às principais praças do capitalismo hegemônico e a seus respectivos fundos de pensão. Mas o que gostaríamos de frisar é justamente esta "autonomia" do capital volátil em nível planetário, com grau e intensidade jamais vistos na história recente do capitalismo.

Com as práticas neoliberais, este capital está em grande parte sem controle; a economia mundial tornou-se um "cassino" financeirizado. O PIB (Produto Interno Bruto) mundial está na ordem de, aproximadamente, 30 trilhões de dólares (dado referente ao ano de 2000). Por sua vez, o capital que gira no mundo está na casa dos 120 trilhões de dólares, ou seja, em torno de 4 vezes a produção mundial.

"A rigor, o capital financeiro parece adquirir mais força do que em qualquer outra época anterior, quando ainda se encontrava enraizado em centros decisórios nacionais, mais ou menos subordinados ao Estado-Nação. Além da mundialização acelerada e generalizada das forças produtivas, dos processos econômicos, da nova divisão internacional do trabalho, formam-se redes e circuitos informatizados, por meio dos quais as transnacionais e os bancos movem o capital por todos os centros do mundo." (IANNI, 1998, p.57)

As conseqüências são nefastas. Primeiro, pelo fato de o político praticamente tornar-se refém do econômico - já vimos que esta relação no capitalismo sempre foi muito frágil e conflitiva. Pois, desta forma, a voracidade do mercado passa a ter pouco controle e, conseqüentemente, sua lógica interna perversa acirra-se. Desta vez o mercado não se comporta como na Segunda Revolução Industrial, onde a expansão do capital se dava através e para a produção basicamente. Na Terceira Revolução Industrial, o capital financeiro está acoplado a títulos e não à produção propriamente dita, daí sua desterritorialidade.

Segundo, a especulação planetária está associada a um dos principais elementos da ideologia neoliberal, ou seja, a do mercado "livre"(sem regulação). Sendo assim, grande parte dos Estados-nação não possui qualquer tipo de proteção a esta generalizada especulação ditada por bancos internacionais e países hegemônicos. A maioria dos países torna-se refém deste "cassino" financeiroizado, o que pode desestruturar economias inteiras.

Por fim, acreditamos que é necessário fazermos um breve relato sobre o mercado. Os neoliberais apresentam o mercado como homogêneo, como o grande elemento dinamizador do progresso social na sociedade, bastando a pessoa (ou grupo) ter iniciativa própria e espírito empreendedor para "vencer" no mercado. Aliás, poderíamos dizer que, com o advento neoliberal, um certo tipo de neodarwinismo tomou força em toda a sociedade, conseqüência direta do pensamento único. Entendemos que o mercado é um processo social de produção de mercadorias que se estabelece através de relações de poder (principalmente econômico) extremamente verticais. Relações de poder estabelecidas na produção de capital (que é uma relação social) e sua acumulação, e sobre o domínio da natureza. Logo, o mercado burguês é extremamente hierárquico, explorador da força de trabalho (obtenção da mais valia) e dilapidador da natureza (vista como mera mercadoria), tendo isto como sua lógica interna.

Territorialidade excludente

O capitalismo sempre integrou distintos territórios de uma forma assimétrica, construindo ao longo do tempo uma relação intrínseca através de várias formas de controle e dominação. Basta lembrarmos do momento da Conferência de Berlim (1885), quando alguns países da Europa passavam pela Segunda Revolução Industrial, necessitando de determinadas matérias-primas e mercados consumidores. Assim, a África passou a ser dividida por estas potências que visavam a seus respectivos interesses político-econômicos. Essa disputa imperialista levará o mundo à Primeira Guerra Mundial, com todas as conseqüências nefastas que conhecemos.

Com a depressão de 29, aprofunda-se a crise ensejando os Totalitarismos e, por conseguinte, a Segunda Guerra Mundial. É decorrência de tal processo o surgimento da Guerra Fria.

"Numa avaliação crítica, portanto, a Guerra Fria foi uma espécie de acordo tácito entre a União Soviética e os Estados Unidos, sob o qual os EUA conduziram suas guerras contra o Terceiro Mundo e controlaram seus aliados na Europa, enquanto os governantes soviéticos mantiveram com garras de aço seu próprio império interno e seus satélites na Europa Oriental – cada lado utilizando o outro para justificar a repressão e a violência em seu próprio domínio." (CHOMSKY, 1999, p.104)

Todavia, no atual estágio pós-guerra-fria, o capitalismo mantém as assimetrias nas relações internacionais (entre os Estados) e, ao mesmo tempo, exclui várias regiões no planeta. Mas qual seria a razão desta "exclusão" territorial? Acreditamos que esta exclusão territorial esteja diretamente relacionada com a Terceira Revolução Industrial (TRI). Primeiro, pelo fato de a TRI estar associada a ramos de alta tecnologia, logo de conhecimento-pesquisa intensos. Segundo, a TRI parte de relações de produção pós-fordista (acumulação flexível) e utilização de alta tecnologia (por exemplo, a robótica).

Desta forma, as regiões excluídas não se enquadram na dinâmica da Terceira Revolução Industrial, justamente devido a um descompasso no tempo social dessas regiões, pois muitas destas ainda não conseguiram concluir a Segunda Revolução Industrial.

Assim sendo, tais regiões:

1. Não se integram na produção pós-fordista;
2. Não possuem capacidade de consumo efetiva para os produtos da terceira revolução industrial;
3. São possuidoras de matérias-primas "descartáveis",
4. Não possuem capacidade de investimento em pesquisa e tecnologia.

A título de exemplo, as regiões onde este processo é mais evidente hoje no planeta são: a África Central e o Chifre Africano, parte da América Central e do Sul, regiões da Ásia Central e parte do sudeste Asiático.

Territorialidade dos mercados comuns

A articulação de blocos econômicos é outro fator importante que vem tomando corpo principalmente na última década do século XX. Vejamos alguns exemplos de acordos que se realizaram neste período:

1. A União Européia foi criada pelo tratado de Maastricht e entrou em vigor em 1993;

2. A idéia de estabelecer uma área de livre comércio (ALCA), no continente americano, a partir de 2005, foi proposta pelos Estados Unidos em 1990;
3. O Mercosul foi criado em 1991, pelo tratado de Assunção,
4. O NAFTA é um acordo de livre comércio entre países da América do Norte, que entrou em vigor em 1994.

Dentre os acordos citados, o da União Européia (UE) é o que está mais próximo efetivamente da constituição de um mercado comum, embora ainda existam entraves para a consolidação de tal projeto. Trata-se de uma região (Europa ocidental) que está passando pela Terceira Revolução Industrial e que tenta articular um espaço econômico com uma moeda única. O fluxo de mercadorias, tecnologia e força de trabalho ocorre em toda a região, além da constituição de instituições decisórias que transcendem o Estado-nação. Em termos geoeconômicos, a UE fará frente à hegemonia do dólar, sendo um concorrente poderoso à economia americana. Posteriormente poderá concorrer, no plano geopolítico, com os Estados Unidos.

Já a economia norte-americana articula seu bloco através do NAFTA e da ALCA, na realidade uma área de "livre comércio", ou seja, sem barreiras para as suas mercadorias. Esta iniciativa busca fazer frente ao projeto europeu.

"Em 1990, o presidente Bush lançou a iniciativa para as Américas, aventando a criação de uma área de livre comércio do Alaska à Terra do Fogo. Tratava-se de uma estratégia destinada a reagir à construção da União Européia e à ascensão da Ásia Oriental, como forma de permitir a Washington reafirmar sua hegemonia mundial no pós-Guerra Fria. Para enfrentar estes desafios, os EUA precisavam articular um espaço econômico exclusivo e incrementar suas exportações, como um dos mecanismos necessários para reciclar sua base produtiva e tecnológica e gerar novas formas menos custosas de manter sua hegemonia mundial. Tal processo já se havia iniciado com a integração da América do Norte: em 1988, foram firmados acordos de cooperação entre os EUA e o Canadá e, em 1990, iniciaram as discussões com o México. Estas iniciativas culminaram em 1 de janeiro de 1994 com a implantação do tratado do Livre Comércio da América do Norte – NAFTA. A estratégia americana, definida por Alfredo Valladão como A Estratégia da Lagosta, necessita da América Latina como ponto de apoio para a recuperação de sua economia no plano global, uma vez que a UE é bastante protecionista, a Ásia é mais competitiva e a África, o Oriente Médio e o antigo campo soviético encontram-se fortemente debilitados economicamente." (VIZENTINI, 1999, p.116)

Quanto ao Mercosul, as dificuldades enfrentadas pelos países que dele fazem parte são enormes devido, em grande parte, às próprias debilidades de suas respectivas economias, pois são extremamente dependentes dos interesses e das decisões norte-americanas. E com as práticas neoliberais nos países da região, a dependência aprofundou-se, trazendo resultados sociais terríveis, de-

correntes de um forte processo de desindustrialização e de desnacionalização das economias, além de uma crescente marginalização social.

A Ásia, por sua vez, ainda é uma interrogação, pois a Rússia está em profunda crise econômica em virtude de suas práticas neoliberais ortodoxas; a China é um dos países com maior crescimento econômico no mundo com seu "socialismo de mercado", tornando-se uma potência regional e, quiçá num futuro próximo, mundial; e o Japão passa por uma crise recessiva desde a década de noventa. O projeto norte-americano pretende isolar politicamente a China e impedir a formação de um bloco econômico entre esta e o Japão.

Territórios da geopolítica

Trata-se do Estado-nação com suas respectivas fronteiras e geopolítica. Com a globalização, vimos que o Estado perde parte de seu poder em detrimento do mercado, mas, ao mesmo tempo, continua sendo um centro considerável de decisões, principalmente se observarmos os Estados hegemônicos. O Estado controla as forças armadas, e coloca todos seus respectivos aparelhos em movimento visando suas respectivas estratégias de controle social e territorial.

"Esta ordem inscreve-se numa história que se construiu ao ritmo da invenção territorial: da ultrapassagem da sociedade feudal até ao Tratado de Versalhes, passando pelos de Vestefália, a concepção política do território não deixou de se precisar e de se tornar um dos elementos codificadores da cena mundial." (BADIE, 1995, p 297)

De acordo, principalmente, com as concepções dos geógrafos Halford Mackinder e Nicholas Spykman, e do cientista político Zbigniew Brzezinski, durante a Guerra Fria houve um embate geopolítico. Embora não seja possível neste texto mostrarmos as diferenças entre estes três autores, talvez seja mais adequado evidenciarmos as similaridades mais genéricas. Duas concepções são importantes de nota.

Primeiro, o fato de a União Soviética ter sido uma "potência" terrestre (hear-land) que deveria ser contida em sua expansão e não ter acesso aos mares quentes, enquanto os Estados Unidos seria o continente-ilha que dominaria os oceanos (potência oceânica). Segundo, as fronteiras neste período seriam mais ideológicas do que geográficas. Estes dois fatores seriam, em grande parte, a razão dos conflitos e das disputas entre as superpotências no período da guerra fria.

Não vamos analisar as complexas razões da desagregação da União Soviética, pois foge aos nossos objetivos, mas cabe citar alguns elementos deste processo. No plano político, o autoritarismo do partido, juntamente com a centrali-

zação das decisões e uma forte burocracia, tornou o sistema inoperante politicamente. Na área econômico-tecnológica, não foi superado o modelo fordista de produção; a economia soviética não consegue desencadear a terceira revolução industrial e problemas sérios de abastecimento fizeram com que o mercado negro superasse o mercado formal. Por fim, os gastos militares sobrecarregaram o ônus social e, no plano externo, a própria globalização no ocidente ajudou a tragar a União Soviética numa espiral, aprofundando a crise de maneira geral e sua conseqüente desagregação.

Com o fim da guerra fria e a supremacia dos Estados Unidos como única superpotência, qual seria a geopolítica dominante na globalização? Acreditamos que grande parte do eixo de disputa desloca-se para o pacífico, onde a China torna-se a grande preocupação dos estrategistas norte-americanos.

"Nesse novo contexto, os Estados Unidos procuram favorecer a consolidação de uma Rússia forte e coesa – despida das antigas tendências expansionistas grão-russas –, que possa equilibrar a Alemanha e a China nas duas pontas da Eurásia. A existência de um equilíbrio de poder entre as três grandes potências continentais eurásianas – Alemanha, Rússia e China –, como condição para a supremacia oceânica da grande potência insular do ocidente, é uma formulação geopolítica e estratégica mackinderiana que ainda hoje permanece atual." (MELLO, 1999, p.215)

Dessa forma, o Estado-nação, mesmo sofrendo grande impacto da globalização nas respectivas atribuições que até então vinha mantendo, resguarda muito de poder e de "virtú" para influenciar os processos sociais intra e extra-fronteiras geográficas.

Considerações finais

A globalização é uma transformação tanto na forma como no conteúdo do sistema burguês. A mudança de paradigma na base produtiva dada pela acumulação flexível dinamizada, por sua vez, através da Terceira Revolução Industrial e incrementada pelo surgimento do capital volátil, nos dá a configuração das profundas transformações no plano econômico. Mas tal processo não se encerra nessa esfera, pois adentra no campo político ensejando, através de práticas neoliberais, conseqüências sociais extremamente nefastas. Como se não bastasse, penetra na cultura alterando as percepções espaço-tempo e, por conseguinte, todas as outras (percepções) daí decorrentes, provocando desdobramentos diretos sobre as relações sociais.

Especificamente em relação à estrutura territorial, temos a constituição de novos arranjos "espaciais" ditada pela globalização. Primeiro, a territorialidade dada pela produção pós-fordista ditada pela acumulação flexível. A desterrito-

rialidade ditada pelo capital volátil com seu movimento planetário e não tendo necessariamente correspondência com a produção material. A territorialidade excludente condicionada por um processo seletivo, em que algumas áreas do planeta são incorporadas enquanto outras são simplesmente excluídas. A territorialidade dos mercados comuns com sua respectiva formação de blocos econômicos. Por fim, o Estado-nação com sua respectiva geopolítica de controles territoriais, visando interesses estratégicos político-econômicos.

A Globalização é um processo social mundial que acirra ainda mais as contradições do sistema capitalista anunciando uma profunda crise. A derrocada do socialismo real não significa a vitória do capitalismo como vários setores da direita apregoam. Na realidade, tanto o capitalismo como o socialismo são duas formas de um mesmo tipo de sociedade, ou seja, a sociedade produtora de mercadorias (KURZ, 1999). Baseadas no "ethos" do trabalho, utilizando-se de uma tecnologia "dura" surgida a partir da lógica racional-iluminista e de uma relação extremamente antropocêntrica com a Natureza, essas sociedades denotam uma profunda crise. A derrocada do socialismo é um sintoma desse processo que, aliado à "desindustrialização endividada" dos países do Terceiro Mundo, agora parece ser o próprio centro do sistema produtor de mercadorias que agoniza com a globalização-neoliberal.

Referências bibliográficas

- BADIE, B. **O Fim dos Territórios – ensaio sobre a desordem internacional e sobre a utilidade social do respeito**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- CHOMSKY, N. **O que Tio Sam realmente quer**. Brasília: UNB, 1999.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.
- HEIDRICH, A. L. Fundamentos da Formação do Território Moderno. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v.23, p. 9-21, 1998a.
- _____. Tendências e Mudanças Recentes na Organização do Espaço em Face dos Processos de Reestruturação Econômica Global e Reforma do Estado. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v.24, p. 9-18, 1998b.
- IANNI, O. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- KURZ, R. **O Colapso da Modernização – da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MARTIN, H.-P.; SCHUMANN, H. **A Armadilha da Globalização**. São Paulo: Globo, 1999.
- MELLO, L. I. A. **Quem tem Medo da Geopolítica?** São Paulo: Hucitec, 1999.
- VIZENTINI, P. F.; CARRION, R. **Globalização, Neoliberalismo, Privatizações – Quem decide este jogo?** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- VIZENTINI, P. F. **Dez anos que abalaram o século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 1999.